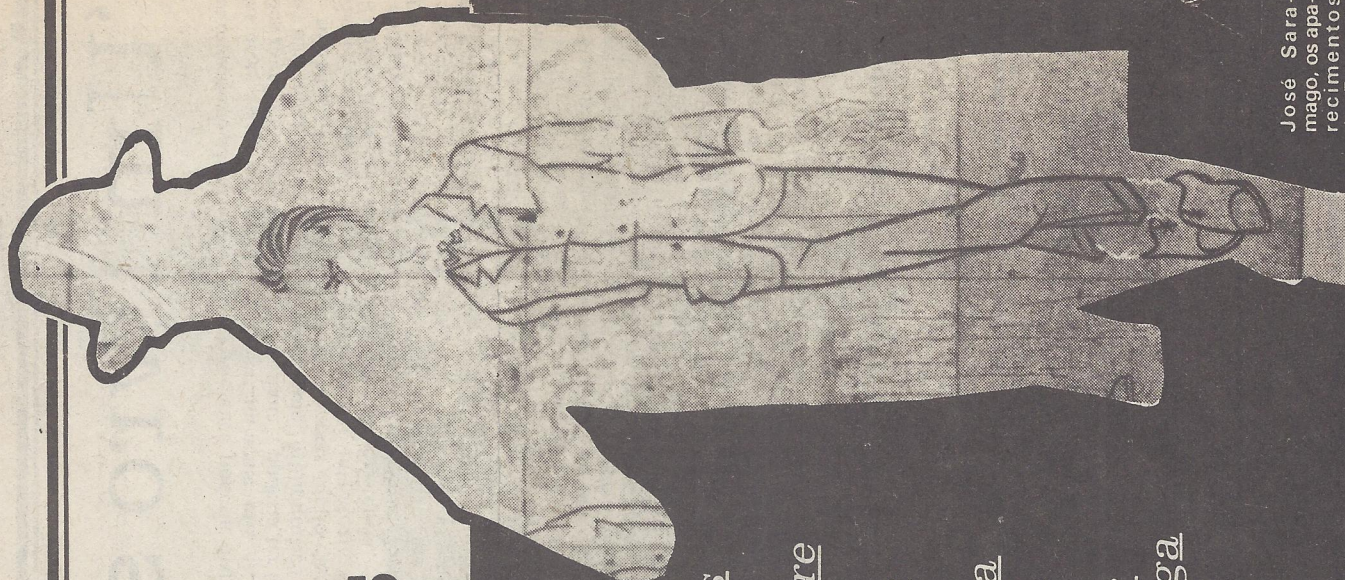


actualcultura

romance

José Saramago: o regresso de Ricardo Reis



Inesperadamente,
em 1984, Ricardo Reis
regressa, ou melhor,
surge um romance sobre
o seu regresso
à pátria após a morte
de Fernando Pessoa,
seguida da sua própria
morte no ano de 1936.

O que levou José
Saramago a escrever
este livro, foi uma antiga
questão por resolver
entre ele e Ricardo
Reis, uma espécie
de fenómeno

José Saramago, os apaprecimentos

MESTRE, são plácidas/Todas as horas/-/Que nós perdemos", são os primeiros versos conhecidos de um poeta, Ricardo Reis. Disse Fernando Pessoa:

"O dr. Ricardo Reis nasceu dentro da minha alma no dia 29 de Janeiro de 1914, pelas 11 horas da noite". Mas disse

também, poucos meses antes da morte, que "Ricardo Reis nasceu em 1887 (não me lembro do dia e do mês, mas tenho-o algures), no Porto, é médico e está presente no Brasil". As últimas novas dele havidas, "Vivem em nós inúmeros", datam de escassos dias antes do falecimento de quem lhe dera vida. Em 1984, um romancista, José Saramago, vem, no entanto, dizer que Ricardo Reis voltou a Portugal, onde morreu nove meses após Pessoa. Projecto ousado, em muitos aspectos controverso, mas também fascinante e sobretudo culturalmente estimulante, *O Ano da Morte de Ricardo Reis* aí está, e é o "best-

-seller" do momento. Dos riscos, das razões e das discussões que a obra suscita dá conta uma conversa, permanentemente atravessada pela "presença" de Ricardo Reis, do qual Saramago sempre fala como se um longo e íntimo conhecimento os ligasse.

Defrontar explicitamente a herança de Fernando Pessoa e o drama pessoano é um grande risco. Sentiu assim este livro?

Não tanto um risco em que eu me sentisse como um risco em que me pudesse vir a achar, porque nesta nossa terra se tomam certos temas, certos motivos e certas personagens — da vida real ou não —, como monstros sagrados em que não se pode tocar a não ser do ponto de vista da exceção, enquanto neste romance se tratava, muito simplesmente, de tomar as coisas à letra.

Costumo dizer que, ou sou inconscientemente atrevido, ou atrevidamente inconsciente. Se calhar, se eu tivesse parado

para pensar naquilo em que me ia meter, talvez não fizesse o livro; só que eu não paro — tive a ideia e passei à concretização dela.

"Uma questão entre mim e Ricardo Reis"

O ponto de partida do livro é algo que lhe é pré-existente, o drama heteronímico pessoano. Pensa que esse drama continua a ser culturalmente produtivo, hoje, aqui?

O que me levou ao livro foi mais uma questão por resolver entre mim e Ricardo Reis do que verdadeiramente o caso Pessoa e os heterônimos, que é muito mais complexo do que eu poderia ter dado num livro (que, afinal, exclui todos os outros, embora haja simples alusões ou referências a Álvaro de Campos e Alberto Caeiro).

Ricardo Reis foi o meu "primeiro" Fernando Pessoa —

coisa que desde sempre me irritou. Mas há entre mim e o Ricardo Reis uma espécie de fenómeno de atracção e repulsão e, por outro lado, admiramento no seu próprio comportamento em relação à vida, como se em mim houvesse uma necessidade de distância, o que até parece altamente contraditório com todo o meu empenhamento político e militante — mas o homem é o lugar das contradições: acho que Deus Nosso Senhor fez o mundo e fez também as contradições e depois, como não sabia onde as havia de meter, é que inventou o homem.

Tomar à letra

O autor fictício Ricardo Reis é, então, tomado à letra neste livro?

Tomo rigorosamente à letra tudo aquilo que o Fernando Pessoa disse do Ricardo Reis. Não apenas os poemas? Não apenas os poemas.

porque é também a sua pessoa que me interessa. *O Ano da Morte de Ricardo Reis* poderia existir ainda que ele não fosse o autor daquelas *Odes*, as quais vêm, por assim dizer, por acréscimo, porque eu tenho que tomá-lo no todo que ele é: o homem que é médico e que é poeta. Eu dificilmente teria escrito "O Ano da Morte de Álvaro de Campos" ou "O Ano da Morte de Alberto Caeiro". Fascinou-me, justamente, aquele homem, Ricardo Reis, que, por acaso, é autor daquelas *Odes* que o Fernando Pessoa disse que eram do Ricardo Reis.

Enquanto Pessoa parte da sua produção heteronímica, no caso assinada Ricardo Reis, para criar uma biografia imaginária do personagem, você segue, então, o caminho inverso: toma a biografia e, depois, acrescenta os poemas?

Exacto. De certo modo é uma solução ingénua, mas em

(Continua na pág. 32-R)

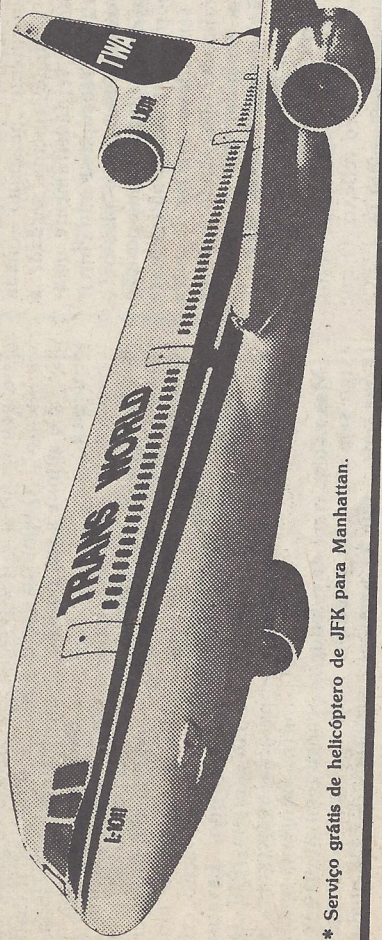
Voe na TWA para Nova York na Royal Ambassador e Classe Ambassador do Tristar Widebody*

Voar na Royal Ambassador do Tristar Widebody é estar certo de impecável serviço, acolhimento atento e conforto ímpar. Assentos totalmente reclináveis, comida soberba, vinhos ótimos. E, para homens de negócios, Classe Ambassador com mais espaço e todas as condições para quem precisa de se desconectar ou de continuar a trabalhar. Tristar Widebody da TWA: o máximo luxo em viagens aéreas.

Consulte o seu agente de Viagens ou a TWA.

Você vai gostar de voar connosco

* Serviço grátis de helicóptero de JFK para Manhattan.



EXPRESSO, SÁBADO, 24-NOVEMBRO-1984